

Homenagem a Nicolau Sevcenko



Nicolau Sevcenko
(São Vicente, 1952 — São Paulo, 13 de agosto de 2014)

Fonte da imagem:
«<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/entrevista/nicolausevcenko>. Acesso: 3 de fevereiro de 2016».

R E V I S T A A N G E L U S N O V U S

Nicolau Sevcenko nasceu no ano de 1952, em São Vicente (SP). Filho de imigrantes do leste europeu refugiados no Brasil, cresceu em uma colônia localizada na cidade de São Paulo. Coletor de sucatas quando criança, atividade que realizou em meio a dificuldades, Nick, como era chamado, tornou-se professor universitário destacado e um dos grandes intelectuais brasileiros do século XX e XXI. Faleceu no dia 13 de agosto de 2014.

Graduado em História pela Universidade de São Paulo em 1976, fez-se doutor (1981), com o clássico *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República* (publicado em 1985), e livre-docente (1992), com o grandioso *Orfeu extático na metrópole: São Paulo nos frementes anos 20* (publicado em 1992), pela mesma instituição. Lecionou e orientou trabalhos de pesquisa na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Moema (FFCLM), na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), na Universidade de São Paulo (USP) e na Harvard University (EUA). Foi membro honorário do Centre for Latin American Cultural Studies do King's College (Londres - Inglaterra), onde conviveu amistosamente com Eric Hobsbawm.

Referência absoluta entre os estudiosos da história cultural, das metrópoles e da modernidade, Nicolau Sevcenko publicou, além das obras já referidas, centenas de artigos em periódicos científicos e jornais de ampla circulação, além de capítulos de livros e as seguintes obras: *O Renascimento* (1983), *A Revolta da Vacina: mentes insanas em corpos rebeldes* (1983), *Arte Moderna: os desencontros de dois continentes* (1995), *Pindorama revisitada: cultura e sociedade em tempos de virada* (2000) e *A Corrida para o Século XX: no loop da montanha russa* (2001).

Nesta edição da Revista Angelus Novus publicamos os depoimentos de colegas, amigos, alunos e professores que conviveram com Sevcenko nas diversas instituições pelas quais passou, feitos na homenagem a ele prestada no dia 13 de agosto de 2015, no Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH-USP). Na ocasião, foi inaugurado um novo anfiteatro, nomeado com justiça de ‘Anfiteatro Nicolau Sevcenko’. Para nós, editores da Revista Angelus Novus, publicar essas falas é a maneira que encontramos de prestar deferência a uma personalidade conhecida entre os estudantes por sua generosidade e seu carisma ímpares, que marcou profunda e positivamente a formação pessoal e acadêmica da geração da qual somos parte.

Os editores

Osvaldo Coggiola (Professor titular de História Contemporânea e chefia do Departamento de História-USP)

“Boa tarde a todos, sejam bem-vindos. Vou ser bem breve e vou ficar em pé porque não vou ficar nessa mesa, por motivos de trabalho. O que nos traz aqui é prestar uma merecida, mais do que merecida, homenagem ao nosso colega Nicolau Sevcenko. Estamos ao mesmo tempo inaugurando, isto é, estamos usando pela primeira vez, este auditório do Departamento de História da USP. Esse auditório se chama, vocês viram na entrada uma placa que tivemos que fazer às pressas, ‘Auditório Nicolau Sevcenko’. Esse nome, essa homenagem, foi uma decisão da Plenária do Conselho do Departamento de História por unanimidade.

A decisão foi a de dar a esse auditório, cuja construção se iniciou antes do passamento do Nicolau, esse nome. Nesta homenagem, quem vai coordenar os trabalhos é um professor que eu vou apresentar agora. Eu só queria dizer simplesmente, em primeiro lugar: me desculpem a informalidade da vestimenta, mas eu acho que se tratando de uma homenagem a Nicolau Sevcenko, essa informalidade é de rigor, e não poderia ser senão de rigor. Eu poderia falar muita coisa do Nicolau, mas não vou falar nada, pois vou ceder a palavra aos membros da mesa de homenagem, previamente designados.

Vou dizer apenas o seguinte: nós tínhamos praticamente a mesma idade, entramos com pouca diferença aqui na USP, ele em História Moderna e eu na área de História Contemporânea, e foi depois que ele passou também a fazer parte da área de História Contemporânea. Eu nunca vi ele de paletó e gravata, só uma vez, quando os dois concorremos ao mesmo cargo: Professor Titular de História Contemporânea. Foi a única vez que ele veio na USP de paletó e gravata e foi a única vez que eu vim na USP de paletó e gravata, e foi também a única vez que nos vimos de paletó e gravata.

A idade semelhante foi uma das coincidências que fomos descobrindo, fomos descobrindo várias outras, pois costumávamos conversar nos corredores, nos apoiarmos, nos ajudarmos, trocarmos ideias etc. Descobri bastante tarde que ele tinha jogado handball na juventude, que tinha chegado inclusive a jogar na seleção brasileira de handball, antes de ser professor. E por acaso, eu também fui jogador handball na minha juventude, na Argentina. Nós poderíamos ter nos encontrado em um jogo de handball, mas nunca nos encontramos. E tivemos uma existência paralela durante muitos anos, da qual só me restam boas e cada vez mais profundas lembranças.

Mas disso eu não vou falar agora. Eu quero dizer que o Conselho-Plenário do Departamento de História da USP concordou com uma iniciativa que foi lançada por um

R E V I S T A A N G E L U S N O V U S

professor do nosso departamento, que vai coordenar os trabalhos, que não é apenas o coordenador formal, pois foi a pessoa que teve a iniciativa desta homenagem. Portanto, vou convocar imediatamente ele, para ele convidar o restante dos membros da mesa, no seu caráter não apenas de coordenador formal, mas de impulsor desta homenagem. Chamo, portanto, para conduzir os trabalhos de hoje, o professor Elias Thomé Saliba.”

[Aplausos]

Elias Thomé Saliba (Professor titular de Teoria da História da USP e organizador da homenagem)

“Boa noite a todos. Em nome da diretoria da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Professor Sérgio Adorno e da chefia do Departamento de História Professor Osvaldo Coggiola, eu declaro aberta essa sessão em memória ao professor Nicolau Sevcenko.

Eu gostaria de convidar, em primeiro lugar, a esposa do professor Nicolau, a senhora Cristina Carletti [aplausos]. Representando os antigos mestres, nós havíamos convidado a professora Maria Odila da Silva Dias, que foi a nossa orientadora de tese. Infelizmente ela nos avisou, hoje pela manhã, que ela está muito doente e como ela reside noutra cidade, ficou impossibilitada de comparecer. Eu lamentei bastante, insisti com ela, que afinal me enviou uma mensagem, que eu tomarei a liberdade de ler posteriormente. Representando ainda os nossos antigos mestres, com muita honra e deferência, eu convido o professor Ulpiano Toledo Bezerra de Meneses [aplausos]. Representando os nossos colegas de departamento e ex-orientandos, eu convido a professora Maria Cristina Wissenbach [aplausos]. Ainda representando os colegas de departamento, eu convido o professor Jorge Grespan [aplausos]. Representando os antigos orientandos, ex-alunos e também de certa forma colegas, eu convido o professor Nelson Schapochnik [aplausos]. Representando todos os funcionários do Departamento de História e, por extensão, da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, que conviveram com o professor Nicolau Sevcenko, eu convido o senhor Ermelino Romeu dos Santos [aplausos]. Representando colegas, alunos e professores das universidades pelas quais o professor Nicolau passou, eu convido, representando a Unicamp, o professor Francisco Foot Hardman [aplausos]. Representando a outra universidade pela qual o professor Sevcenko também passou, eu convido o professor José Arbex Jr., da PUC de São Paulo.”

[Aplausos]

Ulpiano Toledo Bezerra de Meneses (Professor emérito de História Antiga da USP)

“Boa tarde. Antes de mais nada, diria ao Elias que fiquei comovidamente agradecido pelo convite que ele me fez para participar desta homenagem ao Nicolau. Vou falar muito pouco. Nem vou falar sobre a importância do Nicolau para nossa disciplina, para nosso mundo acadêmico, nossa Universidade, nosso Departamento. Penso que um ano ainda é muito pouco para que os efeitos da perda pessoal abram espaço para uma avaliação do que ele representou para nós.

Assim, vou falar, no limite, de mim, de mim mesmo, do impacto que ele me causou – e mesmo assim me fixarei num momento só, momento, pra mim, de descoberta.

Nicolau, como aluno, foi dos melhores. Mas só vim a perceber a plenitude de seu potencial fora de série quando ele terminou sua graduação, em 1976, e começou a pesquisa para a dissertação de Mestrado, sob a orientação sempre segura e fecunda da Maria Odila Leite Silva Dias. Ocorre que as vias oblíquas do destino, por intermédio da FAPESP, me reservaram o privilégio de ser o relator de sua bolsa de Mestrado - coisa que ele veio a saber só uns vinte anos depois, por razões de segurança [risos do público]. A meio caminho, sua orientadora solicitou a passagem do Mestrado para o Doutorado direto, com o que ninguém tinha como discordar. Pelo contrário. Sua tese de Doutorado foi publicada com o título de ‘Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na primeira república’, hoje um clássico. Nesse episódio é que pela primeira vez fiquei impressionado com a inteligência de Nicolau.

Eu repensei agora, com mais arrumação retroativa, o que havia pensado, na época, sobre inteligência. Preciso fazer um parêntesis e dizer que me graduei em Letras Clássicas. Assim, sempre tive uma queda por bonificações acadêmicas, como o vício, nem sempre inocente, da etimologia.

Inteligência tem como ancestral o verbo *intelligo*, de uma ampla família de palavras, cujo patriarca é *lego*, que quer dizer ‘colher’, ‘escolher’, ‘separar’, em suma, colher separando para fazer sentido o que se juntou. ‘Ler’ (*lego, legere*) é isso. Não faltam filhos, primos e irmãos, como *colligo, collectio, collegium*. Não se assustem que não vou continuar a contar casos de família [risos do público]. Mas acontece que, desde a Idade Média, se debatia qual o prefixo que se encontra em *intelligo*. Santo Tomás de Aquino, por exemplo, adota um etimologista da antiguidade, Isidoro de Sevilha, que dizia ser *intus*, ‘para dentro de’. Portanto, a inteligência se alimentaria de uma forma de conhecimento da realidade ‘por dentro’, do

R E V I S T A A N G E L U S N O V U S

íntimo das coisas e não do exterior. Mas, sempre há controvérsias. E esse prefixo bem que poderia ser *inter*, e não *intus*. *Inter*, como ‘entre’ em Português, significa a possibilidade de articulação. Eu diria, então, que é possível também ser *inter*, articulando e montando tramas, com interações inesperadas, subterrâneas, invisíveis, mas atuantes.

Como relator do bolsista Nicolau, consegui resolver a dúvida, sem precisar recorrer às novas teorias da cognição ou da linguística: Nicolau primava pela inteligência *intus*, em diálogo com a inteligência *inter*. E essa é a forma mais completa de inteligência.

Ver as coisas de dentro, reveladas como novelos embaralhados, cheios de tensões e contradições, evê-las depois, sem desfazer sua complexidade, como uma trama de fios díspares, mas capaz de permitir a inteligibilidade de uma tapeçaria, foi assim que passei a sentir a necessidade de mais inteligência, entre nós, como a de Nicolau. Em suma, essa é a inteligência que articula fios à primeira vista incompatíveis, combinando o cantochão e a sinfonia.

Nada de estranhar, portanto, a atração amorosa que Nicolau tinha para com o tema da cidade, a arena de forças mais diversificada, tensionada e embaralhada que existe para vivermos, hoje em dia. E cujo conhecimento exige, sejam mergulhos profundos, sejam articulações imprevisíveis. Exigem inteligência.

Nada de estranhar, também, o fascínio que essa inteligência, que fizera da História uma missão, despertava em seus ouvintes, que lhe dedicavam até o tratamento de uma respeitável figura *pop*.

O que, no fundo, eu queria dizer é que me deixou marca profunda ter feito contato com a inteligência e a amizade de Nicolau.”

[Aplausos]

**Maria Odila Leite da Silva Dias – mensagem lida por Elias Thomé Saliba
(Professora Titular aposentada de História do Brasil da USP)**

“Lamento profundamente não poder estar presente no nosso evento de homenagem à memória de Nicolau Sevcenko. Imagino, com tantos amigos reunidos, o quanto de sua personalidade criativa, excêntrica e trepidante será revivido e comemorado. Raramente um professor universitário, além da seriedade intelectual da sua obra, teve também a vocação para as performances culturais que transformaram o professor num artista e crítico da cultura contemporânea. Elias há de se lembrar da ocasião em que certa vez apresentávamos no anfiteatro os resultados de nossa pesquisa coordenada sobre as identidades rurais da

urbanização de São Paulo, que incluía também a professora Maria Inês Borges e vários pesquisadores e alunos. Na sua vez de falar, Nicolau fez a sua apresentação impostando a voz de um locutor de futebol. Imaginem o impacto sobre o público surpreso. E lembrar sua maneira de ser nos leva para fora do meio universitário, pois Nicolau foi também um divulgador e crítico das tendências culturais do seu tempo. Relembre-lo é manter vivo seu modo de ser, seus interesses, o impacto que exercia sobre os seus estudantes e a trepidação de sua personalidade intelectual essencialmente inquieta.”

Arceburgo, 13 de agosto de 2015.

[Aplausos]

Maria Cristina Cortez Wissenbach (Professora de História da África da USP)

“Boa tarde a todos. Eu devo dizer que é uma honra estar aqui. É difícil encontrar o melhor tom de uma fala sobre Nicolau no dia de hoje, em que a importância da homenagem, mais do que merecida, se confunde ainda com tristeza por sua ausência. Preferi manter o tom de testemunho pessoal e dizer simplesmente o que mais me tocava e me encantava em seu jeito de ser – poucas palavras, quase um afago. Mesmo assim, espero poder falar em nome de amigos e colegas que trabalharam com ele.

Meu contato e meu relacionamento com Nicolau foi intermitente, mas longo no tempo. Fui sua colega em algumas disciplinas na História entre os anos de 1974 e 1975, quando para mim ele era uma figura um pouco distante, mas admirável por suas observações agudas e por sua inteligência. Depois da graduação, anos mais tarde, reencontrei Nicolau no grupo de orientandos da professora Maria Odila da Silva Dias. Foi meu orientador formal por certo tempo e constantemente eu tinha que ir até ele para seus encaminhamentos e assinatura. E é claro que nessas ocasiões as conversas corriam soltas.

A relação mais duradoura e intensa com ele se deu durante a preparação do terceiro volume da História da Vida Privada no Brasil, que ele dirigiu. A elaboração dos textos, entre 1996 e 1997, foi marcada por longas discussões entre os autores para que encontrássemos um tom mais ou menos comum e certa uniformidade entre os capítulos. Para além, é claro, dos pressupostos dos quais partíamos, colocados por Maria Odila, de quem todos éramos, e somos ainda, discípulos.

Por ocasião de sua morte registrei no Facebook, coisa que raramente faço, uma frase que sintetizou minha sensação diante da perda irremediável. Escrevi que existem pessoas que, por algum dom pessoal, conseguem mobilizar o de melhor existe dentro de você. E é assim que vejo os resultados daquela experiência conjunta. Por conta de sua presença e ainda só com o título de mestre, consegui enfrentar uma tarefa difícil e produzir um texto livre e com confiança. A manutenção do compromisso com a história das classes desfavorecidas do Império e da República brasileira, as faces múltiplas da Belle Époque, ou da modernidade, bem como o uso da literatura e do humor eram ideias que compartilhávamos e que contaram com seu entusiasmo e aval. Agradeço muito a ele pela direção e penso que posso falar em nome de Paulo Garcez, Elias Saliba, Zuleika Alvim, Marina Maluf, Nelson Schapochnik. E, in memoriam, Maria Lucia Mott.

Considero que a maior qualidade de Nicolau era o fato de ser não só uma pessoa brilhante e iluminada, mas capaz de irradiar inteligência e luz. E junto a isso uma grande capacidade de transmitir seus conhecimentos. E tenho certeza de que essa era a causa também do sucesso de suas aulas e o motivo da afeição dos alunos. ‘Nicolau professor Eterno’, dizia o cartaz pendurado no saguão até o começo desse semestre.

Mantenho guardados comentários que escreveu durante o nosso trabalho, estimulando a continuidade e avaliando os resultados com palavras saborosas. Entre elas, as que demostravam o quanto ele precisava usar de superlativos, como se as enunciações simples das palavras não dessem conta de sua generosidade: sempre muitos ‘bárbaros’ e ‘queridíssimos’ e reiterados cumprimentos: ‘super-obrigado’, ‘super-parabéns’, ‘obrigadíssimo’ etc. [risos do público] É isso.

No dia de hoje só me resta redirecionar a ele todas as palavras que nos escreveu. E dizer somente, Nicolau, você fez toda a diferença e nossa perda é imensa! Obrigada.”

[Aplausos]

Elias Thomé Saliba (Professor titular de Teoria da História da USP e organizador da homenagem)

“É difícil usar a memória para recordar acontecimentos vividos no passado, pois a memória humana possui um mecanismo reverberador que sempre distorce ou modifica as lembranças. O professor Ulpiano Bezerra de Meneses nos deu belas lições a este respeito, mas foi o escritor Pedro Nava que sintetizou tal dilema ao escrever que ‘é difícil pescar alguma coisa do passado, porque o anzol já sai molhado do presente’. Se já há esta dificuldade

inerente à memória, imaginem o que nós sentimos quando imersos na surpresa da perda repentina ou no amargor do luto precoce e repentino.

Conheci Nicolau Sevcenko em 1972, ainda quando estudante de História na USP e ele, como eu, éramos procedentes da escola pública. No curso de História o clima era cordial, numa turma privilegiada, com colegas que depois se tornariam mestres importantes nas universidades paulistas. Mas era também um clima intelectual um tanto constrangedor, com a saída de notáveis professores como Emilia Viotti e Sérgio Buarque de Holanda e com a polícia ainda circulando ao redor do campus. Época de ânimos exaltados, na qual todos achavam que você ou era um aliado incondicional ou era necessariamente um inimigo.

Nossa primeira conversa deve ter sido no ano de 1973, e foi tão longa e éramos tão jovens que saímos daqui da Faculdade e fomos caminhando, caminhando, até chegarmos a Praça da República! [risos do público]. Anos depois, já na pós-graduação, continuávamos nossas conversas jogando partidas de basquete e ‘vinte e um’, no CEPEUSP. Nicolau sempre apresentava desculpas quando perdia (‘Sou dislálico, Elias, sou dislálico!’ – dizia), mas era um jogador difícil de marcar justamente porque era canhoto. E assim foram quase quarenta anos de amizade, quase ininterrupta. Nossa última conversa mais longa foi neste mesmo prédio, no anfiteatro aqui ao lado, três anos atrás, no debate que precedeu ao lançamento da 3a. Edição do livro Revolta da Vacina e que contou ainda com a arguta participação do prof. Murilo Marx, da FAU-USP, já precocemente falecido, a quem eu presto também aqui minha homenagem.

Nicolau era um interlocutor incansável, mas também bastante provocador. Muitas vezes, ele gostava de me irritar, fazendo-me perguntas que eu mesmo não conseguia responder, porque nem sempre eram de cunho acadêmico ou relacionadas às pesquisas historiográficas. Conto apenas um exemplo entre muitos que reverberam na nossa memória. Certa vez tivemos uma longa conversa sobre as diferentes espécies de passarinhos, na qual ele insistia sobre o gênero das diferentes modalidades de pássaros brasileiros: andorinhas, rouxinóis, corruíras, sabiás e colibris (nesta época eu cuidava, juntamente com a minha querida esposa Maria Eneida, de uma pequena chácara). Além de eu mesmo imitar o canto de algumas aves, inspirado nas gravações que Cornélio Pires fizera nos anos de 1930 - emprestei para ele a publicação de um ornitólogo que incluía uma gravação com o canto de diferentes pássaros. O resultado eu só pude ver alguns anos depois, quando Nicolau traduziu as Histórias para aprender a Sonhar, de Oscar Wilde (Cia. das Letrinhas). Nicolau transformou o rouxinol em cotovia na fábula ‘O rouxinol e a rosa’. E a andorinha virou um colibri na estória ‘Um príncipe Feliz’ – solução originalíssima para resolver a questão dos gêneros na língua inglesa, mas que, enfim, conseguiu a proeza de deixar irritados tanto os ornitólogos

R E V I S T A A N G E L U S N O V U S

quanto os tradutores [risos do público]. Tanto melhor, porque, enfim talvez se provasse o acerto da tradução, que ficou belíssima, embora, eu mesmo, pelas contingências da vida, nunca tive a oportunidade de dizer isto a ele.

Falar sobre a obra do historiador Nicolau Sevcenko é quase impossível neste espaço. Teríamos que combinar um outro evento para discutir seus livros e seus ensaios que até hoje servem de antídoto contra o embotamento da imaginação, o travo da inteligência e a contenção da graça. Rejeitando aquela concepção tradicional de História, que a concebe como fluxo evolutivo, genético ou finalista, a abordagem de Sevcenko consistiu sempre num esforço de olhar a realidade com desprendimento, considerando toda singularidade histórica como objeto de conhecimento de igual relevância. De qualquer forma, como crítico da cultura já começamos a sentir muita a falta de Nicolau, da sua verve, do seu riso aberto e franco e até de suas provocações irritantes.

Impossibilidade maior ainda é descrever a competência e a criatividade de Nicolau Sevcenko como professor, sem descontentar as centenas de historiadores que foram seus alunos ou orientandos, na PUC-SP, na UNICAMP, na USP ou em Harvard. Muitos dos seus alunos o descrevem como um daqueles professores inesquecíveis: suas classes na USP, nunca com menos do que 80 alunos, em sessões diurnas e noturnas (algo que ninguém divulga quando, nos últimos tempos, tanto se ataca a universidade pública!) eram tão disputadas que já se tornara hábito colocar cadeiras no corredor para assisti-las. Afável, generoso, solícito, sempre bem-humorado, trabalhador infatigável, dificilmente conseguia dizer ‘não’ quando solicitado. E sempre foram muitas as solicitações.

Num dos seus inúmeros ensaios, reunidos no livro *Pindorama* revisitada, Nicolau imaginou um grande Jardim de Buritis - aquelas palmeiras altas que forneciam sombra, frescor e beleza e da qual tudo se aproveita: folhas, frutos, fibras, sem deixar de incluir a bebida, para animar festas e rituais. Neste sentido, não hesitaria em dizer que Nicolau foi um intelectual do exílio, mais parecido com um naufrago – mas aquele naufrago que, na sua ilha de Buritis, aprende a viver com a terra e não nela. Não como um Robinson Crusoe - conquistador e invasor cujo objetivo é colonizar sua ilha -, mas muito mais parecido com Marco Polo, cujo sentido do maravilhoso nunca o abandona já que ele é um eterno viajante.

Sua magnífica tradução de Alice no país das maravilhas, de diz muito sobre sua própria personalidade, que fugiu de um mundo de gente insensível e enfadonha, inflexível ou ranzinza, reproduzida em grande escala pela cinzenta cultura vitoriana, que viu nascer a história de Alice. Nicolau nos ensinou a ver tudo com perplexidade, como se fosse a primeira vez. Havia nele um coração de criança, que conservava sempre aquela possibilidade de se surpreender com a vida e de enxergar o passado como uma criança vê as primeiras imagens que chegam aos seus olhos. Seu desaparecimento precoce é, para nós, a perda de um amigo e

do mais formidável dos nossos interlocutores intelectuais. O que é quase nada diante da perda irreparável para a historiografia e para a cultura brasileira de um dos mais brilhantes dos seus historiadores.”

[Aplausos]

Nelson Schapochnik (Professor de Metodologia do Ensino de História da USP)

“Tenho a imensa felicidade de pertencer a uma geração de estudantes que viveu intensamente os loucos anos 80 e que contribuiu ativamente para as profundas mudanças ocorridas no curso de graduação de história da PUC-SP. Entre acordes dissonantes de Arrigo Barnabé, Rumo, Premê e Itamar Assumpção, que embalaram muitas performances na rampa, desfilaram novos sonhos de restabelecimento da ordem democrática no país cuja tradução foi a organização de novos partidos políticos, o retorno dos exilados e a campanha das Diretas-Já. Paralelamente ao arrefecer das correntes mais autoritárias e ortodoxas do movimento estudantil, muitos alunos passaram a expor suas insatisfações quanto à gestão e participação na vida acadêmica, como também no que dizia respeito à qualidade dos cursos. Os seguidos abaixo-assinados e outras manifestações mais hostis contra a inépcia de alguns professores resultaram na renovação do corpo docente.

Ainda me lembro da primeira aula do Nicolau Sevcenko. O ano era 1982 e ele fora contratado para ministrar a disciplina História Moderna. Portanto, foi num misto de expectativas e hesitações que trocamos as primeiras palavras e olhares. Todos aqueles que foram alunos dele devem se lembrar de que em suas aulas, a princípio, ele parecia ratear, enunciando temas, títulos e nomes com vagar e distorcidas expressões faciais que soavam quase como palavras desconexas. Estimulado por frequentes goles de chá, que ele tomava copiosamente, suas aulas logo se transformavam num verdadeiro turbilhão performático.

Aliando um repertório temático e bibliografia renovada, suas aulas passaram a atrair alunos evidentemente enfadados do velho curso centrado na obra mal traduzida de Maurice Dobb, retemperado por opúsculos de um marxismo rastaquera. Imagens, músicas e textos passaram a ser mobilizados para compor um painel, invariavelmente erudito cujo efeito mais imediato era a desorientação. E aí o Nicolau demonstrava a imensa capacidade de reorganização e de promover aproximações sucessivas num verdadeiro engajamento lúdico, onde o emaranhado das diferenças e simultaneidades suplantava a racionalidade unitária e excluente. Usualmente, ele se valia da rara qualidade de ouvinte atento para converter a

R E V I S T A A N G E L U S N O V U S

questão mais insólita em matéria para novos debates onde ele reiterava os seus predicados intelectuais por meio de uma interlocução franca e despojada de quaisquer preconceitos. Esta postura, avessa a qualquer forma de missionarismo pedagógico ou político, contribuiu para que ele conquistasse novos espaços de atuação e legitimação, seja na universidade, como também na mídia, onde ele acabou por arrebatar novos e cativos leitores.

Para além das formidáveis teses que escreveu, sua imensa produção ensaística revela um intelectual desassossegado, crítico dos temas e comportamentos que aprisionam e limitam a criatividade. Não por acaso, ao abordar a literatura, as artes, a ecologia, o viver em cidades, a emergência de novas tecnologias, ele operou a partir de uma perspectiva que ressaltava os paradoxos, a sensibilidade, o respeito às individualidades e diferenças ou ainda à multiplicidade das manifestações culturais em todos os níveis. Daí o desdém e o destrato que recebeu de colegas de orientação sectária e dos afortunados da desinteligência.

Nicolau Sevcenko esteve ao meu lado nos momentos mais altissonantes da minha vida e, diante da maior tragédia pessoal que experimentei, ele também foi solidário e atencioso. Além da valiosa e sincera amizade, Nicolau foi meu orientador de Iniciação Científica, Mestrado e Doutorado. Em todos estes momentos, ele incentivou a busca de autonomia, o estabelecimento de diálogo e cooperação com outros intelectuais, fomentou leituras randômicas e o rigor na pesquisa.

Neste momento de ausência bruta e irreversível, recordo de um encontro cujo intuito era receber comentários acerca do relatório final a ser enviado à Fapesp. Inseguro, temeroso, disse a ele que esperava não tê-lo decepcionado. Não me recordo da apreciação sobre o texto. Retive tão somente a maior lição que carrego comigo e que chegou sob a forma de uma resposta curta e enfática: ‘Schapô, cuida para não se decepcionar com você mesmo’.

Isto já faz muito tempo. Hoje, repito os versos de Wally Salomão: ‘Massacro o meu medo, mascara minha dor, já sei sofrer, não preciso de gente que me oriente’. Contudo, a gratidão, o otimismo em relação ao poder jovem e a crença na liberdade vão perdurar. Em um mundo de moralidade dissolvente e corrosão sistemática do conhecimento erudito, a ausência de Nicolau Sevcenko soa como um colapso.

God save Nick.”

[Aplausos]

Ermelino Romeu dos Santos Ferreira (Funcionário administrativo da USP)

“Primeiro eu gostaria de parabenizar o Departamento de História por dar o nome do professor Nicolau a esse espaço. Em segundo, inaugurar o espaço em um evento que homenageia o professor. Para nós, funcionários (eu entrei no Departamento em 1982, então praticamente convivi com o professor Nicolau durante os trinta e cinco anos que permaneci aqui), é muito fácil falar dele, porque o Nicolau tinha uma coisa que eu sempre dei muito valor para a convivência entre as categorias aqui dentro. Ele era simples e respeitador. Eu nunca vi o Nicolau se alterando com ninguém em situação nenhuma. Então foi fácil conviver esses trinta e cinco anos com o professor Nicolau. E um termômetro, para nós funcionários, é a presença do número de funcionários e ex-funcionários que estão aqui prestando essa homenagem para o professor Nicolau. Quando ocorreu a perda dele, eu levei um choque muito grande, porque o Nicolau semanalmente entrava na secretaria e sentava com a gente para conversar. E com os diferentes funcionários. Vocês imaginam o que, durante trinta e cinco anos, mudou o quadro de funcionários, e ele conversava com todos eles. Para nós foi uma perda muito grande e tenho certeza que eu falo em nome de todos os funcionários. Nós perdemos um grande amigo. Obrigado.”

[Aplausos]

Jorge Luís da Silva Grespan (Professor de Teoria da História da USP)

“Na qualidade de colega de departamento, fico muito feliz de poder participar desta homenagem ao Nicolau. Eu não fui aluno dele, por um azar meu. Eu me formei quando o Nicolau estava acabando o Doutorado e ainda não era professor. O espaço de tempo entre a minha formatura até também começar a dar aula aqui no Departamento de História foi o momento em que o Nicolau entrou como professor e começou a dar aula. Mas se não fui aluno dele – tive esse azar –, no entanto, aprendi muito com ele. Todos nós, eu acho, aprendemos; e ainda mais a geração de professores novos que estava entrando naquela época, nos anos 80, aprendeu muito com o Nicolau.

Antes de entrar como professor, eu já conhecia muito o Nicolau de nome, lendo os artigos que ele escrevia. O Nicolau foi fazer um pós-Doutorado na Inglaterra em meados dos anos 80 e de lá ele mandava artigos, acho que semanalmente, para a Folha de São Paulo; ele era um dos responsáveis por a Folha ser tão bacana naquela época [risos do público]. Ele escrevia para o chamado Folhetim, que hoje em dia é a Ilustrada. E o Nicolau escrevia um artigo por

R E V I S T A A N G E L U S N O V U S

semana lá de Londres, dando mais ou menos o tom do que estava acontecendo por lá. Londres sempre foi uma cidade alternativa, especialmente depois da década de 1960. Então o foco das atenções estava muito voltado para a cena cultural inglesa. O Nicolau mandava notícias de lá sem nenhum pedantismo, como o Paulo Francis escrevendo os ‘diários da corte’, de Nova York – o Nicolau não, ele entendia perfeitamente, para começar, o que estava acontecendo e a importância do que estava acontecendo na Inglaterra. Era um sopro de (vou usar a palavra que já foi usada nesta mesa algumas vezes) de inteligência, de perspicácia, de sensibilidade, muita sensibilidade intelectual.

Quando ele voltou de Londres, eu já era professor, e então a gente se conheceu. Eu lembro que fiquei muito encantado com o Nicolau, logo que a gente se conheceu, numa conferência que ocorreu no Instituto Goethe aqui de São Paulo, tendo como convidado um dos grandes sociólogos e ensaístas alemães, o Hans Magnus Enzensberger. Era um grande evento, e o Nicolau foi convidado pelo Goethe para ser o debatedor do Enzensberger. O Enzensberger fez uma fala bem típica do clima europeu que o Nicolau conhecia perfeitamente bem, porque existia não só na Alemanha do fim dos anos 1980, mas na Europa ocidental em geral, talvez apenas mais explícita na Alemanha. Era surpreendente ouvir o que era uma espécie de desprezo geral pelo resto do mundo, um desprezo cultural etc. E o Enzensberger fez uma fala surpreendente, para quem conhecia seus escritos, elogiando a situação econômica e política europeia naquela década e insinuando uma superioridade geral, inclusive cultural da Europa sobre o resto do mundo. Na sua fala como debatedor, o Nicolau fez uma observação pontual, simples, mas que eu achei sensacional, porque ele surpreendeu e desmontou completamente a fala do Enzensberger, que era um intelectual calejado. O Nicolau disse mais ou menos que ele não tinha ‘nada contra esse mundo que o professor Enzensberger pintou aqui pra nós, o único problema é que ele nos colocou fora dele’ [risos do público]. O Enzensberger ficou atônito e exclamou: ‘Não Nicolau...’ [risos do público]. Mas já estava desmascarado. Aí pronto, o Nicolau pôde falar o que quis, que o Enzensberger concordava. Pôde dar a ele uma lição de Brasil que dificilmente poderia ser dada em outras circunstâncias.

Depois dessa fala eu me lembro que fui conversar com ele (a gente já se conhecia) fui conversar com ele sobre tudo isso. Ele me convidou para ir confraternizar depois do evento com ele e outros amigos, foi quando eu conheci a Cris, esposa dele aqui presente. Fomos todos para um restaurante japonês. E depois comecei a ir direto na casa deles. Naquela época eu estava escrevendo meu Doutorado, eu próprio estava bem... sei lá, essas coisas de escrever Doutorado, a gente fica mal [risos do público]. E aí era uma maravilha visitar o Nicolau e a Cris. Durante alguns anos eu ia quase todo sábado na casa deles, a gente ficava conversando, e aí se aprendia muito – não aprender no sentido de ensino formal, é claro, isso o Nicolau deixava para a sala de aula, onde ele fazia muito bem –, mas o que o Nicolau ensinava para os

amigos era ensinar mais por sua atitude, atitude intelectual. A gente percebia a atitude intelectual do Nicolau, mesmo fora da sala de aula, que tinha isso de que o Ulpiano falou bastante, essa inteligência, uma inteligência bem humorada.

Isso tudo foi muito importante para nós todos que convivemos com ele. Que continuamos convivendo. Até o Nicolau, no final das contas se aposentar. Ele sempre passava temporadas na Inglaterra; uma vez lembro que na Espanha também; depois ele começou a ir para os Estados Unidos. Mas as primeiras temporadas ele passou em Londres durante o inverno de lá, que é o semestre mais importante das escolas do hemisfério norte – o semestre de inverno, de outubro a fevereiro. E para nós eram justamente as férias de verão. O Nicolau aproveitava essas férias de verão e ia embora e passava as o inverno deles e o verão nosso lá. Depois ele começou a tirar licenças mais longas e finalmente ele acabou indo de vez. Se aposentou aqui, tinha tempo de serviço, se aposentou aqui na USP, já faz alguns anos. Mas ele deixou essa marca, essa inspiração muito grande.

Eu tinha muito prazer, lembro até hoje, de ouvir a voz do Nicolau no corredor aqui do departamento. Eu saía da minha sala e ia lá conversar com ele. Para conversar, para dar risada, e nós ríamos muito. E era essa irreverência que me fazia lembrar – vamos ver agora se eu consigo citar direitinho, por que eu lembrei disso agora – me fazia lembrar um aforismo do Nietzsche de que nós dois gostávamos muito, Nicolau e eu, que é mais ou menos assim: ‘A irreverência, a ironia, o riso...: todo incondicional pertence à patologia’ [risos do público]. É muito bonito. Essas coisas, essa atitude, a gente aprendeu muito com o Nicolau. Eu vou ficar por aqui. Dava para falar muito tempo, por que afinal de contas as lembranças são muito grandes, e nessa hora dói muito não poder continuar tendo matéria para as lembranças futuras. Fico muito contente de poder participar dessa homenagem a ele. Eu senti profundamente a morte dele. Lembrando de mais um filósofo, o Sartre: o nascimento e a morte são dois absurdos.’

[Aplausos]

José Arbex Jr. (Jornalista e professor de Jornalismo da PUC-SP)

“Boa noite, eu me sinto, claro, extremamente honrado em participar dessa mesa. Mas, me desculpem a expressão, a franqueza: eu acho uma merda a gente estar aqui por esse motivo. Como jornalista, como é de hábito com jornalistas, eu tentei, estava pensando numa frase sintética que pudesse transmitir aquilo que eu sinto pelo Nicolau. E mesmo correndo o risco de parecer que eu estou falando um clichê, achei essa frase, com a ajuda de ninguém

R E V I S T A A N G E L U S N O V U S

menos que Pablo Picasso. É a seguinte: Existe gente - acho que é maioria de nós, talvez 99% de nós -, que consegue transformar o sol numa simples mancha amarela. E existe gente, como Nicolau, que consegue transformar uma simples mancha amarela no sol. Era isso que ele fazia o tempo todo. Eu vou dar dois exemplos bem rápidos da minha convivência com ele, que mostram bem isso.

Primeiro, foi uma vez que a gente estava na casa dele. E aqui eu quero reparar uma injustiça histórica que foi feita nessa mesa: ninguém mencionou o fato de que o Nicolau tinha um centro sagrado de peregrinação [risos] semanal, que era o Castelões, a pizza do Castelões, era obrigatório [risos]. Então, numa dessas ocasiões, a gente estava na casa dele nos preparando para ir prestar homenagem aos Castelões [Grespan: ‘só depois da meia noite!'], e começou a tocar uma música qualquer, e eu comecei a batucar a música, inconscientemente, lógico. De repente, o Nicolau dá um pulo, aponta para a minha mão e pergunta: ‘Por que você está batucando desse jeito?’. Respondi: ‘Mas, espera aí, de que jeito eu estou batucando?’. Ele reparou que eu estava batucando com a ponta dos meus dedos, fazendo movimento com a mão, assim. Eu mesmo nunca tinha reparado que batucava daquele jeito. Comecei a pensar, e descobri que estava batucando como eu via o meu pai batucar o derbake, que é um tamborzinho árabe, que é como se faz o batuque com derbake. Claro que, daí, a conversa foi para a percussão árabe, o que era a percussão na música árabe; da percussão árabe, passamos à percussão africana; e depois, para a interpenetração entre as duas graças à participação islâmica no tráfico de escravos, e o que foram os malês no Brasil [risos do público], a Revolta dos Malês na Bahia, o fato de Marighela ser neto de malês [risos], voltamos para o samba brasileiro, as relações do samba no Rio de Janeiro, Salvador e São Paulo, Adoniran Barbosa... E, de repente, eu comecei a me sentir ultra importante porque eu batucava com a ponta dos dedos. Esse era o Nicolau.

O outro exemplo: ele foi o meu orientador no Doutorado. Na primeira vez que conversei com ele, para perguntar se ele topava me orientar, ele perguntou:

– Mas, qual o teu projeto?

Respondi:

– Quero fazer uma comparação entre a Doutrina Monroe e a Doutrina Truman na história da política externa dos Estados Unidos.

Ele olhou para mim e soltou um dos famosos ‘Bárbaro! bárbaro!’. Mas eu já conhecia o Nicolau o suficiente para saber que aquele ‘bárbaro!’ não era tão ‘bárbaro!’ assim [risos do público]. Eu falei:

– Tá, qual é o problema que você tem com essa proposta aí? [risos do público].

Ele olhou para mim e respondeu:

– Pera aí Arbex, você não era correspondente da Folha de S. Paulo em Moscou?

- Sim.
- Você não cobriu a queda do Muro de Berlim?
- Sim.
- Você não cobriu a Primavera de Pequim?
- Sim.
- Você não escreveu sobre tudo isso?
- Sim.
- Me diz o seguinte: qual outro jornalista hoje, no mundo, você acha que participa da academia, escreve livros, cobriu tudo o que você cobriu e pode falar sobre isso?
- É, eu acho que tem poucos.
- Então por que é que você quer fazer uma tese sobre política externa dos Estados Unidos, que qualquer um pode fazer?

Aí eu olhei pra mim e falei: ‘Puts, eu sou bom pra caralho!’ [risos do público]. É evidente que o Nicolau fazia isso com extrema generosidade. Porque ele era assim, ele transformava um borrão amarelo no próprio sol, ele era assim com todo mundo, ele fazia isso o tempo todo.

Há um outro aspecto que é pouco comentado e discutido na trajetória do Nicolau, que é o fato de que por ele fazer com que a teoria da pesquisa acadêmica ganhe um significado vital tão importante, tão crucial, tão vivo, tão dinâmico, a ponto de uma batucada numa mesa levar para os escritos de Ibn Battuta, o observador do Islã no século XIII, quer dizer, o fato de ele transformar a teoria acadêmica, o estudo da História em uma coisa tão viva, me obrigou inclusive a reler Marx. Porque eu inclusive aí comecei a achar um novo sentido, uma nova energia, um novo calor nos escritos de Marx e Engels, por exemplo, sobre como vivia a classe operária no início da Revolução Industrial, ou a crítica que Marx faz da monetarização das relações humanas no Manifesto Comunista, e assim por diante, ou seja, a História passa a ser algo absolutamente vivo, absolutamente transformador, e absolutamente avesso a qualquer engessamento e a qualquer processo de tentativa de instrumentalização por qualquer teoria que seja. Então, eu termino aqui dizendo mais uma vez que eu lamento estar aqui por esse motivo, mas ao mesmo tempo graças ao Nicolau eu também me sinto como um sol. Muito obrigado Nicolau”.

[Aplausos]

Francisco Foot Hardman (Professor Titular de Literatura e Outras Produções Culturais na UNICAMP)

“Boa noite. Eu queria, antes de mais nada, evidentemente, agradecer muitíssimo por esse ao mesmo tempo alegre e comovente convite, especialmente aos colegas e amigos Professor Elias Saliba e Professor Nelson Schapochnik. Cumprimentá-los e, extensivamente, ao Departamento de História da USP por essa necessária e bela iniciativa e dizer que talvez, hoje, de fato, nós estamos celebrando Nicolau Sevcenko, coisa que foi parcialmente truncada durante o momento do seu desaparecimento, em função de várias circunstâncias, entre elas o fato de estarmos num calendário totalmente atípico, depois de uma greve prolongadíssima das universidades paulistas no ano passado, e num período, então, de recesso etc., em que se encontravam presentes poucos colegas e poucos alunos. Acho que hoje, mais do que nunca, neste auditório repleto, em que vejo tantos alunos jovens que possivelmente nem o terão conhecido, a universidade celebra o sentimento de sua perda, mas, também, necessariamente, antes de mais nada, a presença de Nicolau Sevcenko.

Eu vou ler um brevíssimo texto até para controlar a emoção:

Perder amigos e colegas de geração é morrer também junto com eles.

Conheci Nicolau Sevcenko, Nick, pessoalmente, há 32 anos, aqui mesmo na História, numa mesa-redonda para a qual fui convidado pela professora Míriam Moreira Leite, em torno dos temas relativamente novos na historiografia social e cultural que tinham despontado nos livros que ele e eu tínhamos lançado quase simultaneamente, naquele começo de 1983, pela Brasiliense: o seu Literatura como missão e o meu Nem pátria, nem patrão! Esse encontro inicial deu-se numa sala do centro documental que a Míriam então coordenava, anexo da biblioteca, hoje convertida neste auditório que se inaugura sob o signo da memória de Nick.

Uma afinidade eletiva instalou-se ali, mesmo que silenciosa, mesmo que não manifesta numa amizade regular e aprofundada.

Depois disso, foram tantas as colaborações, em não sei quantas bancas examinadoras, em seminários e congressos, aqui, na Unicamp e em tantos outros cenários no Brasil e no exterior, em particular no King's College, em Londres, que Nick fez, durante muito tempo, como sua segunda casa e ribalta.

Devo registrar que ainda guardo, com muito afeto, a sua presença na banca de minha livre-docência na Unicamp, em 1994. Como disse naquela ocasião, queria com este convite homenagear e tê-lo ali como representante de nossa geração, nascidos que somos no mesmo ano do Dragão, eu na zona oeste de São Paulo, ele em Santos mas logo cidadão para sempre da zona leste, a minha Lapa e a Vila Prudente e depois Belenzinho dele como signos

libertários dos imigrantes que fabricaram o modernismo mais autêntico de São Paulo, das antigas fábricas fantasmagóricas, de trilhos ferroviários de odores, ruídos e ritmos intangíveis. Uma cidade tão estranha e cativante, na qual nossa imaginação e memória continuaram sempre a viajar, acolhidos pelo menos nessas cenas já desaparecidas, nessas paisagens operárias que tangiam sonhos, estrangeiros que sempre fomos nos espaços solenes da academia, nos discursos ritualísticos do poder institucional e elitizado dessa tão paradoxal cultura universitária paulista, pública e excludente, a um só tempo, confinada a um só espaço.

Por isso, amigas, amigos, em especial minha cara Cristina [Carletti]. Trago-lhes aqui os melhores sentimentos e saudades que me foram transmitidos por David Treece, o Dave, que num feliz acaso coincidente reencontrei ainda ontem, em São Paulo, e que lamentou muito, já de partida, não poder estar aqui conosco. Dave me disse que o que de mais precioso guardava e guardaria de Nick foi tê-lo tido como guia particular e decifrador primeiro dos labirintos de São Paulo. Dave me disse que conheceu São Paulo guiado pelos passos e olhos únicos de Nick. E eu me atrevi a responder, que imaginava, também, que Nick diria a nós o mesmo acerca de sua descoberta e amor eterno pela cidade de Londres, tendo em Dave o seu mais sagaz, alegre e radicalmente libertário companheiro de viagem e descortinos.

Mas o tempo-espacô dessas experiências passou. Enlevados pelos fragmentos pulsantes de cidades mágicas, fomos levados na enxurrada do tempo miserável de tecnoburocratas e de especialistas de uma nota só.

A universidade se apequenou, ficou ainda mais careta. A cidade, mais violenta, embora sempre com novas vozes e sinais a serem decifrados.

Morremos todos juntos um tanto com Nick.

Mas, talvez, sua enorme independência de espírito e criatividade inesgotável de bom humanista, possa nos inspirar a converter nosso último esquife, não em caixão, mas em pequeno barco aleatório e aberto a todos os mares e males, a todas as ilhas e iras.

E aí, sim, seguir viagem, sem certeza de porto, nem garantia de pouso.

Seguir viagem. Essa a lição de nosso saudoso amigo e mestre.

Obrigado.”

[Aplausos]

Cristina Carletti (Esposa de Nicolau Sevcenko)

“Como todo tímido, o Nicolau se sentia constrangido e encabulado com homenagens. Mas essa é uma homenagem diferente. É uma celebração da oportunidade de ter

tido as nossas vidas tocadas pela vida dele. Sendo assim, eu acho que ele não se incomodaria com a revelação das razões nada acadêmicas que me trouxeram para o Departamento de História há quase quarenta anos.

A minha turma de faculdade era muito chata. Eu gostava da turma de uma amiga que cursava História aqui. Havia um estudante festeiro, Roney Bacelli, em torno de quem gravitávamos. Numa de suas festas conheci o Nicolau. Era noite de ano novo em 1977, e acontecia um bacanal greco-romano. O anfitrião figurava como Baco [risos do público]. Um risonho escravo grego, loiro e de olhos azuis se apresentou como namorado do Nero, e logo me tranquilizou: o imperador não era ciumento [risos do público]. Assim começou a história que não teria fim.

Logo depois, o mesmo amigo, Baco, estendeu a festa para sua casa no Rio de Janeiro, uma casinha no alto de um morro, onde disputávamos espaço com mosquitos gigantes. No meio da alacridade de dezenas de jovens em férias de verão, Nicolau se concentrava na leitura de Mallarmé, enrolado em um lençol para se proteger do sol.

A volta para casa levou uma semana, parando em cada praia do caminho, pela estrada mais idílica do Brasil. Não tínhamos muito dinheiro e os hotéis estavam lotados. Tomávamos banhos de cachoeira e dormíamos no carro estacionado em frente a delegacias de polícia.

Meus pais não se entusiasmaram com meu novo namorado: aquele sujeito risonho, carregado de livros e com fome permanente. Minha irmã e o cachorro ganharam um irmão. Estava adotado.

Ao longo de todo o tempo que vivemos juntos, a natureza do Nicolau não se alterou. Alegre, afetuoso, conciliador, generoso, e também distraído e atrapalhado. Mas a sua inabilidade em lidar com aspectos práticos do cotidiano resultava quase sempre mais cômica do que trágica. Apesar da sua memória extraordinária, nossos arrufos de namorados eram esquecidos em minutos. Assim também eram as adversidades e singularidades. Para ele, não havia pessoas irremediavelmente más ou bizarras. Toda deceção lhe parecia a primeira. Toda estranheza era uma forma de normalidade. A reação elegante era a sua marca pessoal.

Escolhemos não ter filhos. Os nossos bichinhos cumprem esse papel. Mas a família humana aumentou sempre. Dentre colegas e alunos do Nicolau, muitos se tornaram nossos irmãos. E eles são o patrimônio que o Nicolau nos deixou.”

[Aplausos]

Homenagem a Nicolau SEVCENKO (...) USP – Ano VI, n. 9, pp. 189-210, 2015

Elias Thomé Saliba (Professor titular de Teoria da História da USP e organizador da homenagem)

“Em nome da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, do Departamento de História e de todas as centenas de alunos e amigos do grande professor e brilhante intelectual Nicolau Sevcenko, eu agradeço comovido a presença de todos, e declaro, então, encerrada essa sessão em memória ao professor Nicolau. Muito obrigado a todos.”

[Aplausos]

R E V I S T A A N G E L U S N O V U S